

Galiana Sem fim



1921-2021

AQUELE QUE FOI JÁ NÃO PODE MAIS
NÃO TER SIDO: DORAVANTE, ESSE
FATO MISTERIOSO, PROFUNDAMENTE
OBSCURO DE TER SIDO É O SEU
VIÁTICO PARA A ETERNIDADE.

Vladimir Jankelevitch

Memória Feliz

Este nosso mundo exterior, belo e inigualável, está cheio de defeitos. A morte é um deles. E fala-se muito do desequilíbrio, das desigualdades e das diferenças que nele existem. Pois o mesmo se dá com a memória, que é o nosso mundo interior.

Por um lado, há um excesso de lembranças e registros oficiosos e, por outro lado, um excesso de esquecimentos, de apagamentos de luzes que ainda poderiam estar brilhando.

Quem regula essa balança? Bem sabemos que é a história. E sabemos que toda narrativa pertence aos vencedores. Para piorar, essa balança é também regulada pelos interesses mundanos, que fazem com que muitos erros sejam cometidos no véu do presente para serem percebidos só muito tempo depois.

É, portanto, com uma ponta de dever cívico que celebramos este Centenário de Nascimento e tornamos público o ato memorialístico de uma figura ímpar, como todas são pela simples razão de seres humanos que somos; e comum, como a imensa maioria de nós todos; que aqui no planeta Terra deu de se chamar Galiana.

Um alguém que, mesmo em seu pleno anonimato histórico, sem nenhum ato revolucionário e sem sequer uma ação social de visibilidade relevante, deu um exemplo pessoal de como é possível seguir com louvor um caminho reto, ao mesmo tempo que desfrutando dos encantos da vida, com seus sabores e seus amargos.

*SOBRE
LEMBRANÇAS
E MEMÓRIA.
E SOBRE
O AMOR*

O ato de lembrar, que constitui a memória, está ligado ao ato anterior de manter a capacidade cerebral e o coração limpo. É clarear e fazer com que a história, composta de mortos de antigamente - de antigamente (de quem somos os herdeiros e futura matéria-prima), não seja um depósito de ossadas mentais, mas um ato renovado de vida que extrapola e vai além do sepulcro,

...

O que é tocado pela memória pode ser contestado, mas jamais refutado. Ela não é apenas contemplativa. A memória nos faz agir. Reagir. Prosseguir. É como o sangue a revigorar o corpo histórico. Sem memória deixamos de existir.

Tem a ver com alma. Entre as duas, memória e alma, nosso corpo é um instrumento de ação. É lenha para o presente.

Por tudo isso, não se trata, aqui, de obsessão pelo passado. Lembrar -e registrar!- é enxergar à frente. Todo insight provém do passado.

...

A memória é vacina contra o esquecimento. Ao recordar com firmeza, tudo que fazemos é agir contra o vazio profundo. O apagamento dos rastros. A nulidade. O nada.

Enfim, parece ser mesmo verdade o que a mãe da Galiana, segundo consta, costumava filosofar em anoiteceres sem luar: "Com o tempo o prado seco reverdece".

Com a lembrança, que prolonga o tempo, o futuro será verde, fértil e permanente.

Seja como for, tudo é válido, se é para fazer eco ao dito de sabedoria do Cântico dos Cânticos:

"O amor é tão forte quanto a morte".

APRESENTAÇÃO

Casa Viva

As lembranças criam comunhão. Elas envolvem no mesmo caldo emotivo os vários sentimentos de pessoas distintas, que os trazem para um tempo que não mais se divide em passado, presente e futuro.

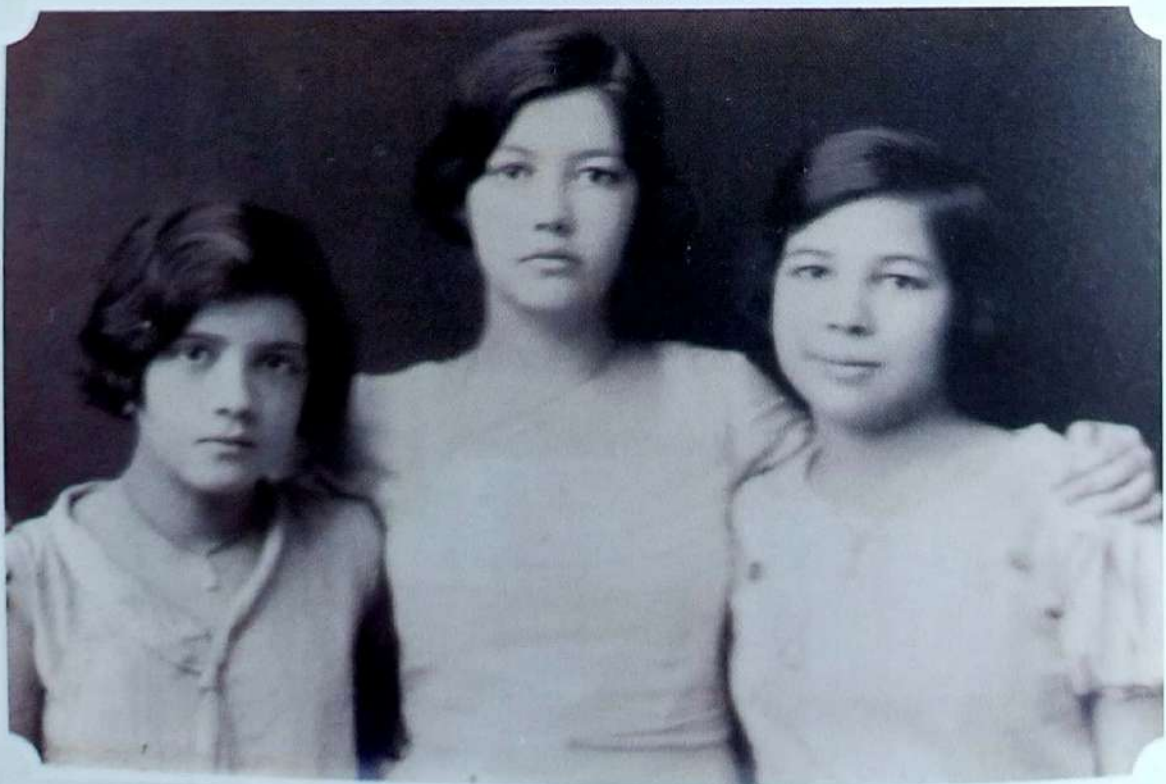
E que tempo seria este? Contado em centenários, em milênios ou em exatos instantes como os que estamos vivendo e apresentando estes argumentos? Quando se mexe com o tempo, o melhor é dizer que tanto faz.

Assim, este livro não é outra coisa se não uma casa viva, de várias janelas, de portas abertas e sem exclusão na lista de convidados, dando boas-vindas e boas novas universais aos passantes, na linguagem e regência das lembranças.

Temos um dizer ao alto na entrada: a grandeza das pessoas, por maiores ou menores que elas sejam, se mede e se expressa pelas lembranças que delas provém. As da Galiana são muitas e sem fim. Vamos a algumas delas. Entre.



O registro mais remoto. A menina sem laço na cabeça, com as irmãs Maria Madalena, Yolanda (Yola) e Yvone; e o irmãos Ordener (Dego) e bebê Otávio.



Com as irmãs Yvone e Yola



Com amigas. Fafia é a da direita



*De mãos ocupadas, ao centro, no Colégio Sant'Anna,
cidade de Goiás*



Na lateral interna da casa de seus pais Antônio e Diva, em Jaraguá, no dia do registro civil do seu casamento.



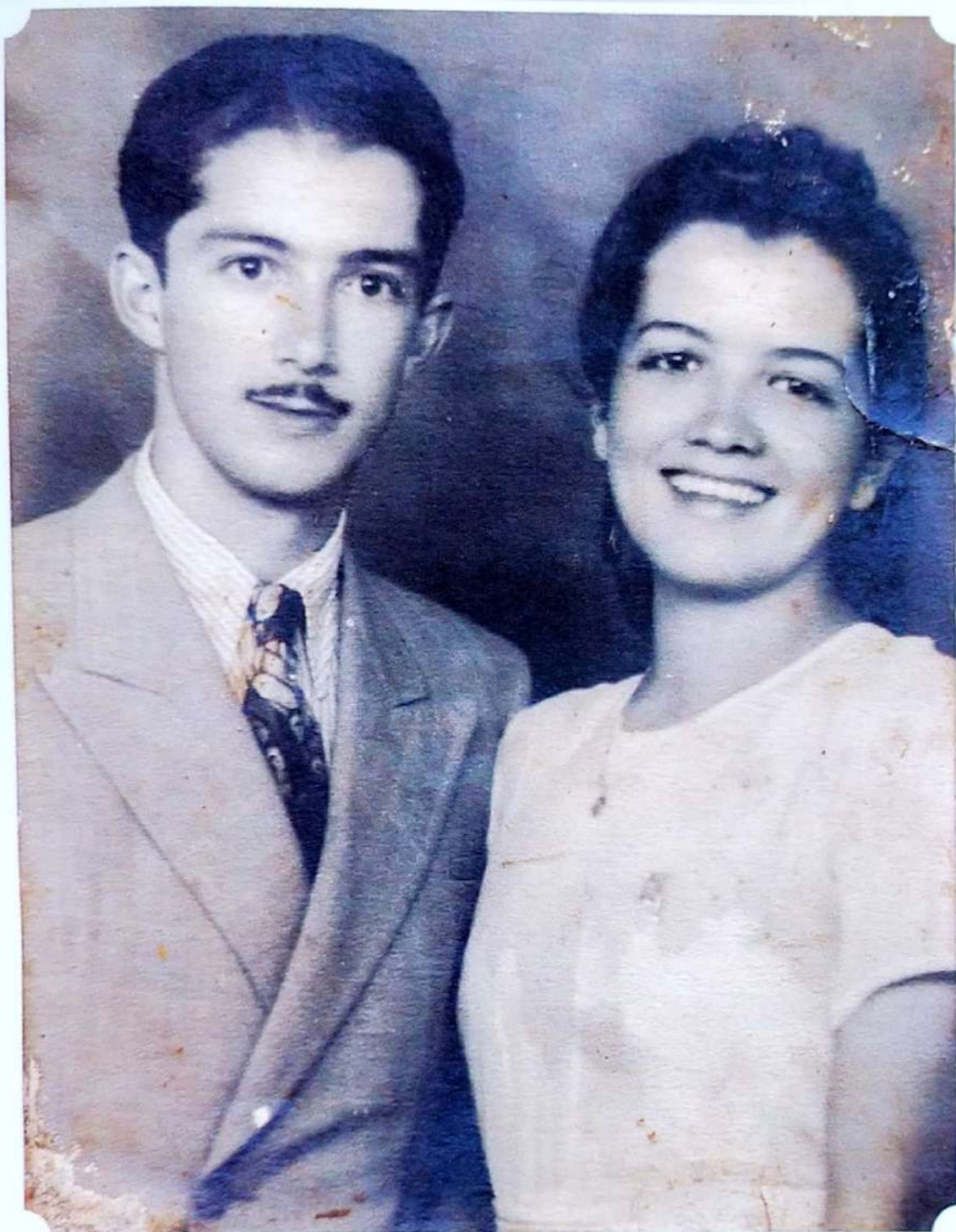
No dia do seu casamento, Jaraguá



Em Araxá, aos 27 anos



*Aos 35 anos, depois de ter
seu 7º filho*







Em San Francisco, 1971



No quintal de sua última residência, em Goiânia

organização
Sandra Haldeman Martz

tradução
Lya Luft



Quando envelhecer vou usar
PÚRPURA



Capa de livro premiada, Editora Marco Zero



Casamento de sua filha Maria das Graças, Rio de Janeiro



Com seu filho Otávio, Barcelona



*Com suas 4 filhas. Maria José, Maria das Graças,
Lúcia e Jacinta. Em São Paulo*



Em cruzeiro

10 ANOS
Galiana · 1921 · 2021

Vide Bula

Nesta vida foi de bisavó a menina. Nasceu no dia 22 de fevereiro do ano de 1921. Sol de verão. Cidade de Jaraguá, Estado de Goiás, América do Sul, ermo brasileiro.

Família grande. Casarão grande e comprido, em lote de duas frentes. Para uma, a dos fundos, rua estreita, passagem quase relegada aos animais. Para outra, rua larga, uma avenida com ônibus, caminhão, carroça e poeira.

"Muita" gente para ver tudo isso, entre seus quase 6 mil habitantes de então. Uma cidade distante 119 km de onde dali a década e meia seria instalada a nova capital, Goiânia.

Menina, moça, estudante, mãe e educadora, avó, bisavó: 84 anos de muitas vidas vividas em uma só e de picadas abertas ao longo da sua caminhada.

No verso e reverso, cristaliza-se agora a legenda conclusiva de que ela viera ao mundo como uma pessoa em estado de paz e acolhimento. E assim o deixou, engrandecida.

Entreatos, veio e foi somando, recebendo, doando, aprendendo, exemplificando e ensinando.

Imperfeição exemplar

Vocacionada à paz. Adornada de si mesma. Galiana viveu em uma época em que ao sexo feminino reservava-se um mundo pronto e acabado -e sem perguntas.

Sem rebeldias soube, ainda assim, alargar seus limites. Não que lhe tenha sido fácil ou sequer perfeito. Hóspede de conflitos (e quem não?), ela era e se manteve sempre serena em sua expressão.

E seja lá como foi, soube dissolvê-los todos -seus limites e seus conflitos- e transforma-los em uma paciente mensagem de amor sublimado e permanente, de aceitação e fidelidade à vida.

Ainda muito antes de partir, mas já na serenidade de quem subiu seus degraus, se fez um testemunho vivente de gratidão, que ela expressava a meio sorriso o tempo todo que lhe foi concedido.

Em se tratando dela, não poderia ser de outra maneira. Galiana. Eterna Galiana. Galiana sem fim.

Na marca do seu Centenário de Nascimento, é da pessoa dela que buscamos tão somente falar, sem que ninguém precise ouvir.

Ela era assim, "alguém cantando ao longe, que canta como quer, para ninguém". E é justamente por aí onde começa a diferença.

Sabidamente imperfeita, ora bolas. Ao mesmo tempo frágil e fortaleza. Doce, tímida, recolhida e brilhante. Construtora inteira de seu universo pessoal, para quem interessar possa.

Ser como ela foi, tão simples e ao mesmo tempo tão incisiva, não é para qualquer ser vivente.

Podemos, então, falar bem mansinho de suas escolhas, de sua trajetória trivial, de sua coerência, de sua convivência com a simplicidade e de sua fidelidade a si mesma, que refletia na fidelidade a todos a sua volta.

Como?

Este livro pode ser folheado sem uma sequência determinada para sua leitura.

Foram chamadas a participar as pessoas mais próximas da Galiana e dos organizadores, de modo a não ser um apanhado que esgota as possibilidades de outras participações à guisa de seu 1º Centenário e outros que virão.

As fotografias, ainda não devidamente catalogadas, valem pelo registro dos momentos, muito embora algumas não tenham a qualidade técnica que seria necessária para sua boa visualização. São de diversas épocas, locais e autores.

As diversas autorias dos textos são declinadas apenas ao final, de acordo com a numeração das páginas, de forma a obter menos pessoalidade e mais representatividade do espírito dessa homenagem.

Comprovando, este livro pode ser folheado sem uma sequência determinada para sua leitura.

A divulgação, citação e reprodução do todo ou em parte é livre e bem-vinda.

1921-2021

Galiana Sem fim



SENHOR ,

só hoje venho agradecer, não foi por esquecimento expressivas e bonitas para faz do. Mas hoje faz 25 anos e não

Aqui estou, Senhor, humilde, pelo caminho incerto eu procurava.

Pela aliança do amor, unidas mesmas alegrias, esperanças e o alto, juntas, mostrando a me

Sintonizadas por um só de

Em todas as minhas lides, vel - tal qual a ação das raízes

Nem todos os dias foram a te quaisquer dificuldades ou v É ela que me faz insensível aos

Bodas de prata

ORAÇÃO

Senhor,

Só hoje venho agradecer a prenda que me deste. Se não fiz antes, não foi por esquecimento ou soberba. É que estava procurando palavras mais expressivas e bonitas para fazer um agradecimento à altura do presente recebido. Mas hoje faz 25 anos e não posso mais adiar este agradecimento.

Aqui estou, Senhor, humildemente, a dar graças a Ti por me haveres guiado certo, pelos caminhos incertos do mundo, para encontrar exatamente aquela que eu procurava.

Pela aliança do amor, uniram-se nossas mãos inseparavelmente juntas nas mesmas alegrias, esperanças e aflições, ou enlevadamente estendidas para o alto, juntas, mostrando a mesma estrela...

Sintonizadas por um só destino, nossas vidas tornaram-se uma só. Em todas as minhas lides, ela está sempre presente, mesmo quando invisível -tal qual a ação das raízes.

Nem todos os dias foram azuis, nem todos os momentos, alegres. Mas, frente

quaisquer dificuldades ou vicissitudes, ela sempre me incentiva e encoraja. Ela que, nas horas boas, multiplica a minha alegria de viver, também diminui-me as amarguras nas horas más. É ela que me faz insensível aos golpes da adversidade e invulnerável às investidas do desalento.

Quando alguns me desestimulam -ela sempre me anima.

Quando muitos descreem de mim -ela crê.

Quando todos me incompreendem -ela só me compreende.

Sua sensibilidade de espírito chega a adivinhar meus pensamentos -nos assuntos mais graves ou nas pequeninas coisas. A dedicação de seus cuidados jamais se esquece de meus hábitos -até daqueles de que discorda...

Procurando abdicar de seus pontos de vista, esquece-se de si mesma, como se desfizesse a própria vida para fazer a minha mais feliz. Em amoroso peso de renúncia, fez de seu viver parte da minha existência. Pobre existência que, assim completada, ficou tão engrandecida que pôde atingir a sublime sensação de perpetuidade, ao ser multiplicada pela vida de nossos filhos.

Na convivência íntima do lar, a data de hoje marca apenas uma etapa a mais de nossa caminhada, que seguimos unidos e contentes como no primeiro dia em que partimos.

Quisera, antes, Senhor, ter expressões condignamente belas e enternecidas para traduzir todo o meu agradecimento pelo privilégio de possuir tão amável e edificante companheira de jornada: pela mansidão espiritual de seu gênio compreensivo e jovial, pela sua paciência a tolerar as minhas impaciências...e até pelas veladas queixas indiretas que solta às vezes contra mim...

Meu agradecimento, Senhor, pelo seu sorriso que me faz alegre, ou mesmo pelas suas angústias que me fazem sofrer, pela sua voz que me faz confiante, ou pelo seu silêncio que me faz pensar...

Mas não venho só agradecer, Senhor, venho pedir também. Não por ela, que a fizeste a mais perfeita das mulheres. É por mim que venho pedir:

Faze, Senhor, que eu seja digno daquela que fizeste para ser minha!

José Peixoto da Silveira

*Mamãe faria
100 anos*

MARIA JOSÉ

O que primeiro me vem à cabeça, ao pensar em mamãe, é o sorriso de rosto inteiro, expressão de sua alegria por estar no mundo, marca registrada da Galiana. Ela se fez como uma mulher feliz. Seu jeito de olhar o que acontecia. De não se ressentir com suas frustrações. De ser leve, e atrair tanto bem-querer.

Foi uma mulher do seu tempo; e não foi. Tinha sonhos indiscerníveis que a época não a deixou cumprir. Sentia-se mais livre do que sua condição de mulher lhe permitia ser. Desde criança, sentia-se diferente. Contava com orgulho que gostava mais de jogar futebol, brincar com os meninos, nada de bonecas. Subia muros, trepava em árvores, moleca.

Contava com saudades de seu tempo de internato e das amigas. De lá trouxe uma de vida inteira, dona Fifia.

Admirava mulheres com profissão. Recusava-se a preencher formulários onde supostamente deveria se colocar na categoria "do lar". Fazia questão de ostentar seu título de professora, embora nunca tivesse lecionado. Queria ser algo mais do que sua época permitiu que ela fosse.

Em uma cidade onde poucas mu-

Iheres dirigiam, orgulhava-se de ter um SimcaChambord em dois tons de verde que meu pai lhe deu, e a sensação de ser a primeira mulher em Goiânia a dirigir seu próprio carro.

Tinha seus medos. Quando papai viajava de avião, acendia as velas para a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, e chamava um de nós para dormir junto com ela.

~

Mamãe criou as filhas e os filhos, na infância, com uma igualdade que não se via em outras casas. Todos nós – meninas e meninos – tínhamos as mesmas obrigações domésticas. Um punha a mesa; a outra tirava. Uma lavava a escada de mármore branco, quando o Setor Sul ainda era feito de poeira e lama; o outro lavava o banheiro.

Todos nós – meninos e meninas – tínhamos o horário de nos sentarmos à grande mesa da copa para fazer as lições de casa. E, depois, a liberdade de brincarmos como quiséssemos.

Parece pouco, mas não foi. Quando, na adolescência, a autoridade de papai e as regras da sociedade quiseram nos dar outra noção do lugar das mulheres, já era tarde. Mamãe havia nos dado uma

base sólida de igualdade de gêneros e, talvez sem mesmo explicitar, criou mulheres não subservientes aos homens, e homens não machistas. Uma grande vitória na sociedade patriarcal em que ela foi criada e se formou.

Agradeço-lhe muito por isso.

Como agradeço por ter feito de nossa casa um lugar de afeto. Por ter feito dos oito filhos – cada um com suas diferenças marcantes – além de irmãos, amigos.

Adorava bebês, e enquanto o fomos, creio que nos deixou a marca indelével de nossa aceitação no mundo.

Mas não queria moleza de ninguém. Nem chororô e pieguices. Queria que seus filhos fossem duros na queda. Como ela.

Escovadas, beliscões, impaciência, irritações, críticas, tudo isso houve, e também os acordes de seu piano, a voz bonita se erguendo. Com quem ela aprendeu a tocar? Provavelmente no internato. Por que deixou de tocar? Ou fomos nós que já não estávamos em casa para escutar?

Quando éramos crianças, quem se aproximava para se queixar de outro ir-

mão, recebia o mesmo castigo: um por ter feito o que não devia, o outro por ter contado o que o irmão/irmã fez. Não admitia "embaixador/embaixadora", dizia. Os dois erraram igual.

Não é nada, não é nada, e pode ser tudo: irmãos que não delatam o outro e resolvem juntos seus problemas têm boas condições de se tornarem grandes amigos. Além do fato de sempre viajarmos todos juntos, participarmos dos programas juntos, sempre juntos. Tudo isso forma grandes amizades e o prazer que temos de estar um com o outro.

Mamãe foi a mão ao lado do filho e da filha nos momentos que precisávamos.

E como era bonita, a nossa mãe! Como gostava de ser bonita! Era um trunfo que levava com alegria pela vida. E do qual todos nós também nos orgulhávamos.

Por muitos anos guardou em uma caixa branca no alto do armário do seu quarto o vestido de baile que usou em Belo Horizonte, em um evento da turma de medicina de papai. Não tenho certeza, mas deve ter sido seu único baile.

Vestido de tule negro, de alcinhas, cintura bem marcada, saia rodada e uma

rosa cor laranja no alto do decote. Uma delicadíssima sandália bem aberta, também de cor laranja, acompanhava o vestido na caixa. Como teria sido fascinante ver mamãe com esse vestido dançando em um baile!

Adultas, quando nós, as irmãs, nos juntávamos em sua cama para conversar bobagens, bem que eu poderia ter perguntado sobre esse baile. Acontecimento único em sua vida que, tenho certeza, jamais teria esquecido, embora em algum momento – talvez na mudança para Brasília – tenha deixado a caixa branca para trás.

Essas conversas nossas, acomodadas na cama com mamãe, fuxicando seu guarda-roupa, rindo e conversando bobagens, em uma intimidade alegre, risonha, quase festiva, fazem parte de minhas memórias mais felizes.

~

Ela frequentava bastante as irmãs, sobretudo tia Maria, a mais velha. Adorava as sobrinhas, ainda que tivesse um carinho especial para as que se achegavam mais a ela. Que o digam Eloiza e Dora e, do lado de papai, Vera, filha de uma das cunhadas. Com elas,

as conversas eram animadas e cheias de risadas.

Houve um momento em que mamãe teve uma grande amiga, Dra. Idalina, casada com Dr. Campos. Não sei de onde eram, foram contratados por papai, quando Secretário de Saúde. Dra. Idalina era animada, brilhante, cantava, cheia de iniciativas, e mamãe juntava o pessoal (sobretudo as sobrinhas e sua turma de amigos) para fazer serenatas a quem? Não sei responder. Não sei se papai participava, ou se era só mamãe. Sei que a amizade de Dra. Idalina - profissional competente, tão independente como poderia ser uma mulher no final dos anos 50 - foi de grande importância e de muita alegria. Depois, houve uma ruptura. Essa seria outra história para perguntar a mamãe, sentada em sua cama.

~

Brasília a distanciou de suas irmãs e do ambiente goiano. Não sei se gostou da mudança. Creio que não muito. Íamos bastante a Goiânia. Mas Brasília foi um tempo de mamãe vivido sobretudo pelos quatro filhos menores. Eu estava lá durante, pelos menos, seis anos, mas meus pensamentos estavam em qualquer outro lugar menos em casa.

Da presença de mamãe ali, sei que ficou amiga da mãe de uma amiga minha e de uma ou outra vizinha; via muita televisão, novelas e filmes de cowboys (seu preferido); lia (ela era mulher que lia); fez um curso de francês; e, em uma briga minha meio exacerbada com meu pai, pela primeira vez a vi levantando a voz para ele e dizer, "Para, Peixoto, não fala isso", e me tirar do escritório.

Enfrentando papai foi a primeira vez que a vi, mas tenho certeza que ela sempre intercedeu a meu favor nessa época de conflitos meus com ele. Penso, hoje, o quanto ela deve ter sofrido, por um motivo ou outro, bastante comigo, mas não só comigo, com todos os filhos. Mas penso também no quanto de alegria cada um de nós deu a ela e com certeza isso teve muito mais peso.

Mamãe também sabia se defender.

Como em uma cena que ela nos contou de seu aniversário de 18 anos: vovó autorizara uma festa, e ela já vestida, pronta, alegre, sentindo-se dona da noite, subiu em uma cadeira para arrumar alguma coisa antes que os convidados chegassem. Vovó julgou aquilo como modos inadmissíveis para moças de família, fez que imediatamente descesse e lhe deu um tapa. Mamãe, sofrendo o insulto à inesperada

Por algum motivo, essa viagem ao Peru marcou mamãe. Sempre voltava a falar dela e creio que só perdeu seu lugar de preferida depois que ela foi a Jerusalém, e quando começamos a fazer os cruzeiros com os irmãos, a convite de Tavão e Peg. Era de se admirar como mamãe conseguia se entender com garçons e camareiras, mesmo só falando o português (havia abandonado seu francês há tempos). Os garçons de várias procedências a tratavam acertadamente como rainha-mãe, e as camareiras tailandesas lhe deixavam mimos, dobrando as toalhas em pequenas formas de animais. Quando entrava em sua cabine, e via suas esculturas de pano, mamãe ria a mais não poder. Foram viagens de pura alegria.

Mamãe sempre se dedicou a papai, e ele a ela. Os conflitos da vida que tiveram, eles os resolveram a sós. Ainda criança, na cozinha do Setor Sul, vi papai erguer a voz, e ela murchar. Uma única vez. O amor entre os dois era inquestionável. Queria envelhecer junto com papai e gostava de ver casais de idosos caminhando juntos de mãos dadas.

Quando adulta, ela passou a ter uma relação conflituosa com Jaraguá. Amava a cidade da sua infância e juventude, mas não perdoava o que considerava um esquecimento dos jaraguenses em relação a papai. "Logo ele, que começou a Cidade Nova e fez tanta coisa por Jaraguá, não é sequer nome de uma avenida decente. O povo daqui não tem gratidão."

Mulher de político, sempre mulher de político.

Nas campanhas eleitorais de papai, participava de várias iniciativas, com grupos de mulheres, nos bairros, e cidades próximas. Acompanhei-a em algumas delas. Íamos de casa em casa, distribuindo os panfletos e "santinhos", tentando convencer quem estivesse presente a votar em Peixoto da Silveira, o melhor candidato.

Nas visitas às cidades próximas, havia comícios e reuniões animadas. Mamãe dizia que não gostava de campanha, mas não parecia. Sobretudo a campanha para governador. O que lamentava era não ter condições de contribuir mais.

Por que se achava incapaz de contribuir mais? Eis uma questão que permeou sua vida. Muitas vezes, se referia a isso. Dizia que, em alguns momentos, sentia "uma coisa" na cabeça, o que começou a acontecer quando frequentava o último ano no Colégio Interno. Excelente aluna, em certo momento, teve essa "coisa", dizia.

A partir daí, perdeu uma parte importante da confiança em si mesma e suas próprias capacidades. O que foi exatamente? Ela nunca soube ou quis explicar. Dizia, rindo, que depois de sua morte queria que uma junta médica examinasse seu cérebro para descobrir o que havia nele.

Pois é, mamãe. Você já não está aqui, mas sua presença entre nós está profundamente viva. Seu cérebro deveria mesmo ser examinado para que houvesse uma explicação desse imenso amor a você de seus oito filhos.

Poema

LÚCIA

Às vezes, sem-ter-nem-por-que me lembro de quando ao piano você tocava a "Última inspiração" o "Despertar da montanha" ou de quando, todos juntos cantávamos a sua canção preferida ou a de papai.

Seu colégio de freiras sua paixão por serenatas, por goiaba verdolenga seu medo de ficar sozinha. Alegre, forte e frágil você sempre foi um pouquinho menina neste jeito tão seu de ser mulher.

Agora mais que as palavras e o som do piano temos nosso silêncio erguido assim, sem presentimento estéril e sutilmente na distância construída pelos mitos e pelos ritos de todos os dias. Mas a tranquila certeza continua - de ter a água, a luz, a terra de ter você como mãe e avó pros meus filhos.

*Galiana dos
mistérios*

MARIA DAS GRAÇAS

DOS MISTÉRIOS PROFUNDOS QUE NUNCA DESVENDAREI

Esses foram os parâmetros da minha infância: pés descalços e desgoverno total desde que circunscritos aos limites geográficos domésticos, e uma roupa-gem absurda para dias de festa e visitas que exigiam vestidos rodados de organ-di bordado e sapatos de verniz afiados na dor e calor. Nada parecia fazer sentido. Não me sentia parte integrante em nenhum dos cenários.

ALGUNS MISTÉRIOS DESVENDADOS

Confortável na minha pele, senhora dos meus erros e acertos, encontrei um lugar de proximidade com minha mãe nas viagens que fizemos juntas.

A primeira delas foi logo depois da morte de papai, quando na companhia descuidada de Rodrigo, Galiana e Renata fomos para a ilha de Itacuruçá, na costa verde do Rio de Janeiro.

Eu alugava uma casinha na ilha que era bastante simples, sem luz elétrica, meia dúzia de habitantes e alguns tantos aventureiros em busca de sol e silêncio.

Ao longo dos anos que frequentei a ilha apenas no pico do verão a população aumentava um pouco, a vida simples e sustentável ainda não estava na moda.

Nessa semana em que ficamos isoladas na ilha, distraída pelos netos, mergulhada no mar e desnorteada pela imensidão de sua perda, foi a primeira vez que vi minha mãe.

Não me lembro de um só sorriso nessa temporada, o que parece impossível em se tratando de Galiana, mas conversamos um pouco.

...

Pouco a pouco fomos criando um padrão de viagens e conversas, sempre surpreendentes, um pouco por minha ignorância da mulher que ela era outro tanto porque a recíproca era verdadeira.

Foi uma forma interessante de nos aproximarmos um pouco, unidas pela paixão cigana pela aventura e espaços que se apresentam de novo quando visitados por olhos, boca e ouvidos de outras pessoas.

...

De todos os lugares que reencontramos juntas lembro com carinho e boas risadas a viagem que fizemos a Roma, no Jubileu da Porta Santa (vou acrescentar os dados).

Uma dessas portas do Vaticano só é aberta em determinadas datas a cada 50 anos. Quando Galiana ficou sabendo desse momento histórico, me telefonou perguntando se eu concordaria em levá-la em peregrinação. Nem de longe algo presente no meu caderninho de coisas a fazer, mas topei, desde que a entrada e saída da Europa fossem via Paris e mais 5 dias em Florença.

Roteiro definido, acertada a companhia de Tia Teresa, comecei a cuidar dos preparativos. Primeiro passo: providenciar nosso cadastramento e carteirinhas de peregrinas. Peregrinas alto estilo, porque tínhamos reservas para cadeiras bem próximas ao lugar de celebração da cerimônia pelo Papa.

Quando chegamos a Roma, mal deixamos as malas no hotel e saímos urgente para o Vaticano para pegar nossas carteirinhas, confirmar que estávamos a postos e saber dos eventos paralelos. E eram muitos!!! Mamãe foi possuída por uma força super estranha e mal deixava tempo para comer algo rapidinho porque já tinha uma outra missa, em outra igreja, no lado oposto de Roma. Tia Teresa aceitava sem reclamar a tirania de Galiana, só pedia para ter sempre uma garrafa de água.

Nessa semana que ficou um pouco turva na minha memória, lembro de sempre comer em pé, encostada em algum balcão, turbinada por inúmeros caffè espresso. Nada ficava entre nossa peregrina possuída e sua próxima missão....

No dia da celebração chegamos bem cedo, é claro, munidas de água, leques e devoção. Depois da celebração, com direito a lágrimas emocionadas, o Papa, entrou no papamóvel e foi passear no meio dos peregrinos.

Quando estava se aproximando do nosso lugar, ia passar bem ao lado, a possuída começou subir em cima da cadeira, para ver melhor, ela disse. Só tive tempo de ficar em pé imediatamente e tentar equilibrar um pouco sua ca-

deira, que parecia dançar um rock embalada pelos gritos de "é o Papa!", "é o Papa!".

A descarga de adrenalina foi tanta que, tudo acabado, mal consegui fazer com que elas chegassem ao carro que nos esperava, se arrastassem pelo lobby até o elevador e desmornassem nas camas tal como estavam.

Larguei as duas e fui correndo tomar um drink. Acho que elas ficaram descansando um dia inteiro, sei que sobrou tempo para levantar as pernas, ler um pouco e depois jantar direito. Sozinha.

Seguimos para Florença e a viagem continuou uma grande aventura. Mãe se apaixonou pelo tomate da Toscana e queira salada de tomate em todas refeições, que voltaram a ser feitas em lugares sentados, tomando vinho e vendo as modas.

Elas gostavam de sair à noite, jantávamos tarde, pelas 21h e depois saímos andando pelo centro histórico. Uma das noites paramos para ver um mímico e logo um americano bêbado se juntou ao mímico e começou a fazer um striptease. Meticulosamente. Dobrava toda roupa que tirava, a pobre da mulher que o acompanhava estava mortificada e

tentava fazê-lo parar. Sem chance. As duas estavam adorando. E recusaram-se a deixar a cena antes do final triunfante: o gringo nu, a mulher vermelha de raiva e a plebe urrando de rir...

...

Quando estou em alguma dessas cidades em que flanei com mamãe é difícil não entrar em uma das mil igrejas pequenas e comuns que conheci apenas porque ela fazia questão de entrar em todas que encontrava pela frente. Também é um jeito de conhecer um país, uma cultura, aprendi.

Acendo uma vela, hoje em dia quase sempre eletrônica, respiro o ar frio e cheio de mirra, me sinto em harmonia naquele momento. E vou.

Poema
FERNANDO

*UMA MÃE
EM TODOS OS
SENTIDOS DESTE
UNIVERSO*

*QUE TEM UMA
MANEIRA
DE ME AMAR
SEMPRE*

*COM UM ELO
QUE ME DÁ PAZ
FORÇA PARA
CONSTRUIR
MEU UNIVERSO
MINHA VIDA...*

*Amei e
fui amado*

FLÁVIO

O depoimento que o mano pediu mexeu comigo, imagino que com todos nós. Falar de mãe é falar com açúcar na boca. As lembranças que ficam com a gente são sempre as melhores, somos assim.

E foi assim que os meus olhos e coração a viram. Dividi com oito, irmãs e irmãos, o amor de uma mulher apaixonada. Amei e, com certeza, fui amado. Foi muito, o bastante para aprender a gostar da vida.

Minha mãe, hoje centenária em sua imortalidade, viveu e deixou viver. Não me lembro de muitos beijos e muitos abraços, mas não esqueço do seu sorriso. Enorme e belo aos meus olhos e tranquilizador em minha vida. Com ele andei, não sei se mais seguro ou no caminho certo. Com certeza, mais feliz.

Até hoje, quando penso nela, vejo, antes de tudo, seu sorriso. Eu sei todas as mães são bonitas, a minha, acreditem, era verdadeiramente linda. De uma beleza que não precisava de adornos, batom e rouge.

De poucas palavras, de olhar desconfiado, gostava de goiaba verdolenga e de banho de bica de chuva. Gostava de Agatha Christie, nadava com gosto de infância, sentia calor de esquimó nos trópicos. Biscoito de queijo só assado na hora e, nos últimos anos, comia crême brûlée como uma francesa gulosa.

Não sei se importava com a verdade, mas odiava mentiras.

Como disse no início, apaixonada pelo Peixoto, ainda assim, no coração agasalhava mais oito. Não senti em nenhum momento, debaixo das suas asas, frio. Também, não me lembro, muito bem, da sua voz. Nem sei se falava muito comigo, mas ouvi muito.

Grande parte das lições de vida que carrego chegaram através da sua voz. Talvez a doçura do seu jeito tenha sido responsável por ouvi-la tanto. Escutei até o seu silêncio.

Já disse, de muitos beijos e abraços não me lembro, mas até hoje sinto os puxões de orelha e as suas tacas de escova que semeavam um doce terror

de mãe. Chorava de susto, dor, manha e dengo. E nada parava o castigo que, não sabia então, era na medida certa, nem muito nem pouco, coisa de mãe. A meu ver sempre injusto. "Não fui eu", falávamos todos nós.

No entanto, tenho que, sem querer, admitir que eles, os castigos, ajudaram nas raízes e asas que ela nos deu. Quando começamos a voar, não segurou, confiava nas raízes que tinha plantado.

Hoje me lembro, embora rebelde - qualidade, que eu enxergava em seus casos de infância e juventude - coube, como a todas elas, cuidar de casa.

Não foi uma boa dona de casa, ainda bem, faltava-lhe a vontade e competência para se submeter às regras domésticas de então. Fomos uma casa sem quitutes e nosso menu era minimalista, ditado pelas limitadas preferências culinárias do meu pai. A sua indiferença pelas lides domésticas refletia uma certa dificuldade com o script da mulher de então.

Essa rebeldia se manifestava na deliciosa anarquia que ela permitia nas ausências do meu pai. Dolores Duran, se não me engano, era o fundo musical. Assim, tenho pra mim que a única força disciplinadora aceita por ela foi o amor do meu pai. Tudo bem, quem não se amansa quando é muito amado pela paixão da sua vida?

Lembro-me que tinha um lado da sua vida do qual sabia e sei muito pouco. Sempre tive muita dificuldade em compartilhar a sua fé, não sei quando surgiu com a força que permeou os seus últimos anos.

Ainda bem que ela não foi uma catequizadora. A sua fé. Aí me socorro com Santo Agostinho: a fé é um dom, tem ou não tem. A da minha mãe foi um grande dom e se bastava.

No mais, adorei fazer esse depoimento. Me trouxe tantas lembranças e a certeza, digo mais uma vez, que amei e fui amado. Que saudade. Que saudade.

*Passado
importa*

PX

Passado é cachoeira. A
garantia do tempo que se
renova em contínuo.
Provém do passado. É
do passado que vem toda
inspiração. E é também
de lá que vem os insights
que vertem futuros.

Se tivéssemos um telescópio desses bem potentes e, ao chegar a um outro planeta viajando a uma velocidade superior à da luz, o apontássemos para a Terra, por ele poderíamos ver aquelas pessoas queridas que hoje já não estão mais aqui. Todas elas em palpitante movimento de vida e performance sobre a superfície terrena.

Assim é que as pessoas queridas vão seguindo universo afora, infinitamente. Vivas. Como estrelas que não se apagam porque um dia brilharam. "Aquele que foi já não pode mais não ter sido: doravante, esse fato misterioso, profundamente obscuro de ter sido é o seu viático para a eternidade".

Dependendo da distância do suposto planeta observatório, além dos nossos pais, de lá poderiam ser vistos os antepassados desenrolando ainda cá na Terra a cadeia de avós, bisavós, tetravós e assim por diante.

Todos eles passando em nossa lente. Vivos, exatamente como, para sempre, assim estarão em nosso gene, nossa reminiscência e memória, que são outras dimensões à parte das que podem ser medidas pela luz. Como vivos também todos eles, raízes que são, estão nos sentimentos que nos afloram, sem carecer de lentes.

Em ambos os casos, com ou sem telescópio, não é necessário voltar ou querer ver o passado. Necessário é viver seguindo em frente, sabendo que o passado existe e importa.

...

Vem cá, Galiana, vamos dar um passeio, que a história decantou. Rememorar as pessoas que, ontem como hoje, vão falar ao nos ver passar. Viver e deixar viver, seria nossa resposta a elas, se algum dia nos déssemos ao trabalho de pensar em lhes dar uma resposta. Pois viver já é responder.

E viver foi muito bom a seu lado. Mesmo se todo errado, pode-se ser quem a gente quer. Mesmo se pequeno diante do universo profundo e sem fim que você aos poucos nos mostrou e no qual mergulhou porque havia chegado a hora.

Não era eu um ser delicado e cercado de cuidados, mas um alguém que, muito graças ao seu jeito, podia tatear antes, durante e depois de se lançar. Sim, você bem que tentou me ensinar a ter cuidado. De fato, o que aprendi foi o seu medo, que dá na mesma, pois é o cuidado visto por outro ângulo.

Lembro-me de você argumentando com o meu-pai-seu-marido que seria imprudente me deixar viajar sem idade para seguir de carona por onde quisesse ir mundo afora. E ele respondendo: "O perigo está em todo lugar. Inclusive ao sair desta porta ou aqui dentro mesmo". Naquele dia, aprendemos com ele uma lição que a gente já sabia.

Mais na frente, me lembro de nós dois viajando juntos em uma Brasília para Bahia. Fugindo do seu aniversário. (Sim, você odiava passar aniversário ao alcance dos telefonemas. Sumia. Eu ajudava). Passamos, então, dia já escurecendo, em um atoleiro na estrada erma sem qualquer segurança se nele tivéssemos ficado, com dezenas de caminhoneiros atolados assanhados pro nosso lado, querem-

do nos ver juntos pregados no barro. Seguimos aliviados e felizes, estrada a frente, patinando e rindo.

Em Feira de Santana, depois de muito procurar, descobrimos um restaurante dito macrobiótico, pero nem tanto. Comemos uma salada de tabule (trigo burgol deixado de molho para amolecer, misturado com cebola picadinha e cheiro verde). Para você foi um cardápio inesquecível. Para mim, um mistério ter sido inesquecível para você. Que afinal, você não falava muito. Era mais de sorrir que de dizer as coisas com palavras. No que sempre esteve certa.

Na falta de uma palavra, eu seguia por vezes dando pulos no escuro, mas bastava olhar para o lado e via seu sorriso discreto-limpo-sincero, verdadeiro e motivador.

Daria mil outros pulos só de lembrar do conforto que irradiavam de seus sorrisos. Bastava, para mim, acreditar que eu tinha essa capa de herói, era protegido e imortal; e seguir.

Essa minha inocência (ou sapiência ínsita) deve ter sido posta a prova muitas vezes sem eu nem saber. Qual a fabula dos pés dos dois ca-

minhantes marcados na areia que se tornavam de uma só pessoa nos momentos mais difíceis. Porque alguém então me carregava.

Foi assim que você foi mais que mãe. Porque mãe é genitora, cuidadora, protetora do rebento em volta de sua saia. Mas depois de rompido o círculo, mãe se recolhe e deixa a sorte levar o filho, mas não com você.

Mais que mãe, ao tentar te entender além das necessidades previsíveis, sentia como você divagava para não contrariar, e era capaz de se dividir e participar dos nossos querereres. Você vivia junto com a gente uma pequena conquista ou uma descoberta à toa. Mãe das que acompanham os mistérios dos filhos sem mistérios.

Não sei como a senhora me via. Talvez menos filho do que eu pretendia. Mas sei que teve momentos que eu lhe fui mais que poderia sequer conceber. Coisa de Deus que nos fez e jogou no mundo. E se tem nisso um errado, não é ele.

Acho que tenho mais passagens com lembranças do meu pai. Porque você sempre foi névoa. Onipresença. Sempre ali, porém suave, calmante.

Permanentemente devassável. Solução, sempre.

Raras vezes te vi triste, nenhuma, na verdade. Mas o que de fato me lembro agora é de um desespero seu por ficar sozinha, quando o médico que além de tudo era nosso-pai-e-seu-marido saía de viagem e, se bem que raras vezes, a deixava sem sua companhia.

O seu coração palpitava, então, acelerava, parecia querer pular do peito para as mãos. Pura insegurança, mesmo ali com filhos e filhas ao seu lado. E talvez por isso mesmo, por sentir ser tamanha a sua responsabilidade diante dos pequenos que a cercavam, e você sozinha, nós sozinhos. Felizmente, isso era de acontecer por apenas uma noite ou duas, não me lembro direito, só me lembro de você entre desamparada e saudososa de sua parte, pela falta de quem fora ali e logo estaria de volta.

E quando eu trouxe uma bandeja de preciosos tomatinhos (que você os adorava) em voo elegante de São Paulo para Goiânia? Claro que você merecia. Ainda mais porque era Natal. Mesmo sendo motivo de observações de fami-

liares enciumados. Mas nada que afetaria nosso voo. Este e muitos outros.

Ou quando me pediu um determinado produto para dar cor aos cabelos de uma de suas filhas e eu percorri em lojas até achar, isso no exterior. Como também para descobrir bolachas cracker sem sal, que este lhe fazia mal. Ou quando o pedido foi trazer uma árvore de Natal - e eu trouxe a maior que pude, mesmo tendo que trocar de táxi para chegar ao aeroporto na hora do rush- e mesmo sabendo que não era você a destinatária final da encomenda. Para seus pedidos, raros, não havia barreiras ou questionamentos.

Enfim, era demais o seu jeito de resolver as coisas sem precisar dizer que coisas. De interceder por nós junto aos vivos e, junto ao Senhor lá em cima, rezar por todos nós. Tanto e tanto que ainda hoje e amanhã temos bastante crédito, suponho, o que só faz aumentar o que temos para lhe lembrar.

*Adeus,
Galiana Sem Fim!*

Di-Versos

Quando pequena, sempre passava as férias na casa da minha vó Galiana, junto com minha prima Renata.

Por muitos anos dormimos no quarto da minha vó, e lembro dela rezando já de madrugada, naquela escuridão, andando pra lá e pra cá com seu terço. Depois de entreabrir os olhos e ver minha vó rezando, voltava a dormir meu sono dos sem pecados.

E ela adorava um chocolate amargo que sempre tinha no armário do quarto... judiação com os netos uma avó que só comia chocolate meio amargo!

Sempre admirei a disciplina da minha vó, que fazia fisioterapia para os joelhos na piscina todas as manhãs. Era tão sagrado quanto as rezas matutinas ou as idas na igreja.

Saudades da minha vó, que era tão brava comigo quando criança, mas com o passar dos anos foi adoçando seu coração com sua xará. Beijos!

Galiana, neta.

*Minha vizinha amava
rosas. E todos os dias
estava lá, dedicadamente,
podando e regando as
roseiras que enfeitavam
seu jardim.*

*Nem havia pensado
nisso, até agora... mas
minha vizinha me
chamava de rosa (creio
que outras queridas*

*dela tiveram essa
mesma sorte). Talvez
propositadamente, já que
ela vivia podando meus
espinhos e regando
meu riso.*

*À vozinha amada,
gratidão por me jardinar.
Gratidão!!! Espero ter
podido perfumar um
pouco os seus dias.*

Marina, neta.

J. M. J.

BOLETIM BIMENSAL

da alumna Gabiana F. Reis matriculada no 2.º anno
da Escola Normal do Collegio Sant'Anna.

	Julho	Agosto	Faltas	INTERPRETAÇÃO DAS NOTAS	OBSERVAÇÕES
Portuguez	8,7	9,3		10 equivale a optima;	
Francez	5,9	7,8), 8, 7, a boa;	
Arithmetica	7,5	9,1		3, 5, 4, a satisfivel;	
Hist. da Civilisação .	10	10), 2, 1, a má;	
Geographia	10	7,1		0, a nulla.	
Musica e Orpheon . .	10	10		Total das notas	
<i>Orpheon</i> Desenho	10 9,4	10 8,7			
Calligraphia	6,5			223,7	
Trabalho manual . . .	10	9,5		5.º lugar	
Instrução religiosa .	10	10			
Gymnastica	9,8	9,8			
Conducta	7,5	7,4			

Collegio Sant'Anna, 6 de Setembro de 193 7

Dicto.

Dicto.

A DIRECTORA,

O PAE OU TUTOR,

Irma Rosa de S. Maria

Pede-se aos Exmos. Paes ou Tutores devolverem, immediatamente
assignado este Boletim.

D. Galiana, você é um presente de Deus em nossas vidas: não são coisas e objetos que nos aproximam, mas sim a sua pessoa encantadora.

O seu bem-querer é verdadeiro e demonstrado nos gestos pequenos de uma visita ou quando nos recebe em sua casa para o almoço ou para um cafezinho.

Pe. Antônio Martins

Deus nos presenteou com
uma Paroquiana tão amiga
e companheira no caminho
do Reino. Seja sempre assim.
D. Galiana, este presente
de Deus. Nossa vida
será alegre.

Pe. João Daiber

Querida Galiana, a senhora é
um grande presente de Deus
para todos nós! Amiga, mãe,
companheira de festa, irmã na
fé: inesgotável no amor,
no carinho, na gratuidade.
Pe. Antônio Nascimento

Mulher forte, estudiosa,
tinha formação cultural.
Geraldo Coelho Vaz

*Ela conquistava a simpatia
de todos. Soube criar uma
família ilustre.*

Iris Rezende

*Era criatura excepcional
e mãe dedicada.*

Francisco de Castro

Inesquecível Galiana.
Querida companheira de
tantos momentos... como
sinto a sua falta! Falta de
nossas conversas, nossos
encontros, dos almoços de
domingo quando eu tinha
o privilégio de estar sempre
presente. Todas estas
lembranças me trazem uma
grande saudade de sua
alegria, do seu sorriso
e do seu carinho.

Dora, sobrinha

- A você, Galiana -

Há 100 anos nascia, na cidade de Faraguá, Galiana, uma de minhas mais caras amigas. Conheci-a em Goiás, onde ela estudava como aluna interna, no Colégio de Santana. Apesar de nossa diferença de idade ser de seis anos, uma afinidade muito grande nos uniu e ela passou a ser parte de minha família. Aos domingos, por autorização de sua mãe, passava o dia em minha casa, voltando às 18 horas para o Colégio. Passei férias de julho em sua cidade, onde tive o privilégio do carinho de sua mãe, d. Divo, e de seus irmãos. Assisti, com meus pais, ao seu casamento e lembro-me de que, na igreja, toquei harmônio e cantei durante a cerimônia religiosa. Mudou-se mais tarde para Goiânia e a nossa amizade perdurou através dos anos. É hoje, ao lembrá-la, resta-me a saudade, sentimento definido como "a lembrança das coisas boas, dos momentos felizes e das pessoas amadas."

Fifia

6/2/2021

A você, Galiana

Há 100 anos nascia, na cidade de Jaraguá, Galiana, uma de minhas mais caras amigas. Conheci-a em Goiás, onde ela estudava como aluna interna, no Colégio de Santana. Apesar de nossa diferença de idade ser de seis anos, uma afinidade muito grande nos uniu e ela passou a ser parte de minha família. Aos domingos, por autorização de sua mãe, passava o dia em minha casa, voltando às 18 horas para o Colégio. Passei férias de julho em sua cidade, onde tive o privilégio do carinho de sua mãe, d. Diva, e de seus irmãos. Assisti, com meus pais, ao seu casamento e lembro-me de que, na igreja, toquei harmônio e cantei durante a cerimônia religiosa. Mudou-se mais tarde para Goiânia e a nossa amizade perdurou através dos anos. E hoje, ao lembrá-la, resta-me a saudade, sentimento definido como "a lembrança das coisas boas, dos momentos felizes e das pessoas amadas".

Fífia, grande amiga

Amada Galiana

I

Falar sobre você entre tantas tias igualmente queridas, parece difícil, mas não é, você foi diferente e especial.

Nossos Natais, fogueiras, aniversários realmente só começavam quando você chegava com sua alegria e sua turma.

A minha primeira boneca com cabelo foi presente seu, a minha cabelos louros como os meus, a de Marizete cabelos pretos. Quanta delicadeza!

Quando tio Peixoto viajava você já arrumava duas malas, a dele e a sua para ir para Campininha, onde morávamos. Era uma festa, dormíamos em um só quarto amontoados, mas amávamos. Você foi nossa alegria na nossa infância e juventude.

Há pessoas que nunca envelhecem, no seu centenário poderíamos estar comemorando seus vinte anos. Você era sábia, inteligente, bem informada, mas nun-

ca deixou escapulir a criança e a jovem que sempre existiram dentro você.

Seu coração era cheio de amor e alegria pela vida e pessoas. Nós tivemos a felicidade de participar desse amor e alegria.

Querida tia, onde você estiver eu sei que continua sendo a pessoa que sabe fazer felizes os que a rodeiam.

Muitas saudades.

Myriam, sobrinha.

II

Existem certas vidas que a gente não sabe como começar a contar e existem outras que são tão fáceis de contar que até parecem estórias encantadas. Vou começar a minha estória com "Era uma vez..."

Era uma vez uma menina alegre e de olhos lindos que deixava encanto aonde quer que fosse. Um dia essa menina cruzou o caminho de um médico e o enfeitiçou. Bastou um olhar e ele sabia... Era ela a escolhida.

Naquele tempo até moça que sabia enfeitiçar tinha que cumprir ritual. Nin-

guém escapava e foi assim com ela também. Finalmente casaram, tiveram 8 filhos e foram felizes até o dia em que ele se foi.

Foi primeiro, provavelmente para abrir caminho, não para a menina de olhos lindos e, sim, para a mulher de toda uma vida, não mais a princesa, mas a rainha de olhos lindos. Porque os olhos, aqueles, continuaram os mesmos.

Daqui pra frente só posso achar -porque sentimento não tem como adivinhar- e ela não era de muito chorar ou reclamar, mas acho que ela continuou feliz só com as lembranças do doutor.

Posso imaginar algumas decepções com pessoas a quem ela ajudou, mas pra que falar de desavenças, quando ela mesma não queixou.

Essa rainha era mãe, avó, tia, irmã e prima. E fica na memória de todos o sorriso, a conversa alegre e os belos olhos da tia encantada que, com certeza, está outra vez enfeitando o médico apaixonado, agora como terminam todas as histórias de rainhas: para sempre.

Ana, sobrinha.

III

Querida e amada tia Galiana, vou contar um caso engraçado que aconteceu conosco.

Um dia você chegou aqui e, muito sigilosamente, me falou sobre um filme erótico que Aparecida assistiu e sugeriu que assistisse, eu falei: Eu serei sua fada madrinha”.

Levei-a pro meu quarto e coloquei num canal erótico (brinde de quem assinava o futebol nas TVs a cabo). Você ficou horrorizada e não terminou.

Três dias depois você me pediu “um particular”: disse-me que não comungava porque não tinha coragem de confessar com os padres da Igreja São José, que eram seus amigos.

Novamente fui sua fada madrinha, levei-a para confessar na Catedral, onde ninguém a conhecia. “Galho quebrado”, consciência limpa, você voltou a comungar.

Um beijão, minha querida.

Eu amo você.

Eloiza, sobrinha.

No centenário de seu nascimento, seus filhos querem homenageá-la, com muita razão, foi uma mulher excepcional no seu tempo. Galiana de Freitas Rios, filha de D. Diva de Freitas Rios e Antônio Ferreira Rios. Esse filho do Coronel Tubertino Ferreira Rios, mineiro natural de Uberaba, que migrou para Jaraguá na década de 1870 e se tornou, posteriormente, chefe político daquela cidade, deixando grande descendência.

Galiana cresceu em Jaraguá, na companhia de seus pais e muitos irmãos e parentes; ela contava que era muito esperta quando criança e certa feita, na loja de seu pai, ela e seu irmão Otávio lá estavam e desceram para um compartimento no subsolo da loja, onde se guardava muitos produtos como vinho, por exemplo. Então, ela e Otávio brincando neste local, tomaram certa quantidade de vinho do porto e dormiram. Durante muito tempo sem notícias dos dois a família desespe-

rada foi procurá-los, encontrando-os dormindo. Contou que seu pai não deixou sua mãe corrigi-los, achando muita graça desse acontecimento.

Tia Galiana gostava de contar os casos antigos, para quem queria ouvi-los. Ela contou sobre o quanto gostava do tempo em que estudou no colégio Sant'Anna, na cidade de Goiás. Este colégio foi fundado pelas Irmãs Dominicanas francesas em 1889 para instruir as mulheres goianas de famílias ricas, pois eram elas quem educavam os filhos e passavam a maior parte do tempo com eles.

Tia Galiana foi criada no mundo cultural dentro da simplicidade da cidade de Jaraguá na década de 1930. Seu avô materno era músico e compositor, possuía uma tradição familiar de músicos provenientes de Trahíras, centro de cultura no período colonial, no Norte goiano.

Ela gostava de contar como encontrou seu marido, o médico José Peixoto da Silveira. Recém-formado, ele foi trabalhar em Jaraguá, e logo que a viu se encantou por ela. Sempre dizia o quanto foram felizes e que ele sempre gostou de fazer as vontades dela.

Contava também sobre a política em Jaraguá, parte da parentela dela era a favor de tio Peixoto e a outra parte adversários políticos, disputando prefeitura da cidade e muito depois, o governo do Estado. O marido foi deputado Federal quando eles se transferiram para Brasília e ficaram muitos anos vivendo na capital do Brasil. Já mais velhos voltaram para Goiânia e, como ela era muito querida pelas irmãs, sobrinhas e primas sempre era visitada.

Tia Galiana fazia questão em dizer o quanto ela foi feliz em todas as fases de sua vida. Ela era muito alegre e apreciava uma boa prosa. Ela e tio Peixoto sempre valorizaram a amizade com os parentes dela (irmãos, cunhados, sobrinhos e primos); sempre estavam juntos em vários momentos, seja na política, seja no cotidiano e nas viagens de férias para o litoral. Foi uma tia excepcional e acolhedora, deixando um vazio muito grande com sua ausência. Esta é uma pequena homenagem.

Diva, Délia, Dora, Daura e Dulce,
sobrinhas.

Na construção de minha identidade várias foram as influências recebidas, entre elas se destaca a de minha tia querida, não só como modelo, mas também como incentivadora.

Linda, alegre, dinâmica era assim que eu a via. Trazia uma ousadia que me fascinava. Sendo em certa medida coerente com o modelo de mulher, esposa, mãe e filha de seu tempo, sabia sempre ir além e externar de forma clara seu ponto de vista.

Essa ousadia, a capacidade de se atrever sem chocar, a vitalidade que irradiava, tudo isso me cativava.

Tive, em vários momentos, oportunidade de lhe falar de minha admiração e não os deixei passar. Ela sempre foi e continua sendo para mim um espelho no qual eu procuro mirar.

Luiza, sobrinha.



Na residência de Peg e Otávio, em São Paulo



*Com a doação de 80 cestas básicas no seu
aniversário de 80 anos*



No seu quarto, de onde partiu

*É só isso o que
podemos dizer:*

Obrigadão

Pelas noites de piano tocado no escuro, quando faltava luz em casa...

Pelos retornos de suas viagens com o Peixoto, sempre cheios de novidades para contar...

Por me ensinar a gostar das goiabas; a esperar o amadurecer das atas, dos cajus e das pitangas do seu quintal...

Por eu poder dizer: "Gracias a la vida, que me há dado tanto"...

Por ser essa mãe "iluminada" e a avó "exagerada" que todos os netos gostariam de ter...

Pela "marmitta" de cada dia...

Pelas orações e guarda de cada um dos seus...



Santa Ceia Companheira

Não se sabe ao certo de onde ela veio ou quando exatamente foi parar na parede da casa na rua 101, Setor Sul. O fato é que esta Santa Ceia, feita de gesso e com pequenas luzes embutidas, acompanhou do seu posto na sala de jantar o nascimento de alguns e o crescimento de todos os oito filhos do casal Galiana e Peixoto.

Com a mudança da família para Brasília, a casa, na verdade um sobrado com amplos jardins laterais e quintal, foi cedida para diferentes locatários, pessoas jurídicas públicas e privadas.

Depois de duas décadas, a Ceia ainda permanecia lá sendo servida, sem no entanto sua habitual comensal, a frequentadora diária da missa das sete. Foi quando a buscamos para ser emparelhada no novo endereço da volta para Goiânia, desta vez na casa da rua 126, esquina com 88, Setor Sul.

E ali ela ficou até sua dona, Galiana, embarcar na nave interestelar. Hoje é relíquia da Família. Valor nenhum artístico ou comercial. Inestimável valor pessoal.

Créditos

Designer e diagramação:

Vinícius Luz

Fotografias:

Peg, Felipe, Maria José, Maria das Graças, Flávio,
Denise, Jacinta, Fernando, Px.

Revisão:

Jacinta.

Concepção e Organização

Maria José e Px.


Agradecimentos

A todos que fizeram parte da vida da Galiana.

SUMÁRIO

MEMÓRIA FELIZ, PX SILVEIRA.....	04
APRESENTAÇÃO, CASA VIVA, PX SILVEIRA.....	11
PRIMEIRAS FOTOGRAFIAS, VÁRIOS AUTORES.....	14
VIDE BULA, PX SILVEIRA.....	27
IMPERFEIÇÃO EXEMPLAR, PX SILVEIRA.....	28
COMO?, PX SILVEIRA.....	31
BODAS DE PRATA, ORAÇÃO, JOSÉ PEIXOTO DA SILVEIRA.....	35
MAMÃE FARIA 100 ANOS, MARIA JOSÉ SILVEIRA.....	38
POEMA, LÚCIA PEIXOTO.....	51
GALIANA DOS MISTÉRIOS, MARIA DAS GRAÇAS.....	54
POEMA, FERNANDO PEIXOTO.....	62
AMEI E FUI AMADO, FLÁVIO PEIXOTO.....	65
PASSADO IMPORTA, PX SILVEIRA.....	71
QUANDO PEQUENA, GALIANA, NETA.....	81
ROSAS, MARINA, NETA.....	82
DIVERSOS, PE. ANTÔNIO MARTINS.....	85
DIVERSOS, PE. JOÃO DAIBER.....	86
DIVERSOS, PE. ANTÔNIO NASCIMENTO, GERALDO COELHO VAZ.....	87
DIVERSOS, IRIS REZENDE, FRANCISCO DE CASTRO.....	88
DIVERSOS, DORA, SOBRINHA.....	89
A VOCÊ, GALIANA, FIFIA, GRANDE AMIGA.....	91
AMADA GALIANA I, MYRIAM, SOBRINHA.....	93
AMADA GALIANA II, ANA CERQUEIRA, SOBRINHA.....	94
AMADA GALIANA III, ELOIZA, SOBRINHA.....	96
NO CENTENÁRIO, DIVA, DÉLIA, DORA, DAURA E DULCE, SOBRINHAS.....	97
NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE, LUIZA, SOBRINHA.....	100
ÚLTIMAS FOTOGRAFIAS.....	101
OBRIGADÃO, PX SILVEIRA.....	104
SANTA CEIA COMPANHEIRA, PX SILVEIRA.....	107
DESENHO, LAURA, 1ª DE 17 BISNETOS.....	112

COMO NOTA DELEUZE, "O PASSADO
NUNCA SE CONSTITUIRIA, SE NÃO
COEXISTISSE COM O PRESENTE DO QUAL
ELE É O PASSADO". "NÃO APENAS O
PASSADO COEXISTE COM O PRESENTE
QUE ELE FOI, MAS É O PASSADO INTEIRO
QUE COEXISTE COM CADA PRESENTE".



*“Vovó Galiana”, desenho de
Laura Fraiz-Grijalba Lindoso,
primeira bisneta da Galiana*